

BRANCOS x ÍNDIOS (4)

Entre a pobreza e a esperança

CARLOS WAGNER e
HUMBERTO TREZZI

O futuro dos 13 mil caingangues no Rio Grande do Sul é promissor. O presente é de pobreza. Devastadas por décadas de desmatamentos ilegais e exauridas pelo arrendamento contínuo do solo a agricultores clandestinos, as reservas indígenas gaúchas não garantem o sustento de seus moradores. Mas a situação é pior entre os índios acampados em áreas das antigas reservas caingangues. Enquanto esperam pela terra que sonham ser sua novamente, vivem na mais completa miséria, como mostra a quarta reportagem da série A Guerra que não Terminou.

As pequenas roças para subsistência ainda formam o cenário em volta das aldeias caingangues do Rio Grande do Sul. Quase tudo que elas produzem é consumido pela própria comunidade, pouco sobra para ser vendido, e os índios acabam dependendo do artesanato para completar o orçamento. Quase todos contam com as cestas básicas do governo federal, reforço indispensável para manter o já míngua padrão de vida. Conforme o próprio governo, mais da metade dos 330 mil índios brasileiros dependem dessa ajuda para sobreviver.

Se nas reservas a situação é de pobreza, fora delas os caingangues vivem em virtual miséria. Cerca de mil índios dessa etnia moram em acampamentos improvisados nas extintas reservas de Serrinha, Ventarra e Caseros. Vieram de outras reservas, onde conviviam em dificuldade com os grupos majoritários. Esperam pela devolução de uma terra que já foi sua.

Sob olhar receoso dos brancos, os índios acamparam há poucos anos nas terras reivindicadas. Moram em barracas de plástico. No inverno, elas deixam passar o minuano e a chuva. No verão, se transformam em fornos – o preto das lonas torna o sol ainda mais inclemente. É um martírio. Quem chegou primeiro construiu cabanas maiores, com alicerces de eucalipto e teto de sapé. As paredes, porém, são de plástico e também deixam passar o vento.

A maioria das mulheres e crianças foi abrigada em salões de igreja. É assim no Alto Recreio, em Ronda Alta (antiga re-

serva indígena da Serrinha), onde 56 famílias de caingangues se amontoam num salão. Separadas por cortinas, elas tomam banho, se alimentam e fazem necessidades ali mesmo. É assim também na Linha Santa Catarina, em Ibiraiaras (antiga reserva indígena de Caseros), onde 280 caingangues vivem numa capela. Localizada numa baixada, a igreja se transforma num lamaçal em dias de chuva. Plácidos, os índios pouco reclamam do barro. Temem mais as doenças.

– Tivemos duas mortes de crianças pequenas neste inverno, por pneumonia. Temos também casos de tuberculose – relata Samuel Claudino, caingangue que faz a ligação da comunidade com a Fundação Nacional do Índio (Funai).

Na falta de terra para plantar, o artesanato torna-se a principal fonte de sustento dos caingangues acampados. Vivem da venda de arco e flecha, lanças e pequenos animais esculpidos em madeira (onças, tatus e jabutis). Quando apetece um peixe fresco, o arco e a flecha deixam de ser enfeite e viram arma de caça. Existe flecha específica para peixes, pássaros e mamíferos.

Um pouco mais afortunados são os 140 índios que vivem em Capinzal, distrito de Constantina, que já começaram a receber as casas que eram dos colonos.

– Não é o ideal, mas pelo menos é melhor do que viver em barraca – resume Jorge Vanderlei, um dos quatro jovens caciques que administram o grupo do Capinzal.

As crianças caingangues acampadas vão à escola, onde aprendem português e caingangue. Há 25 anos isso acontece no Rio Grande do Sul, mas é uma novidade entre índios acampados. Dos 310 alunos da Escola Estadual de 1º Grau Tancredo Neves, em Alto Recreio, 34 são caingangues. Recebem os primeiros ensinamentos de sua língua nativa da professora Vera Claudino, também ela uma índia. Uma das primeiras lições é aprender que os sobrenomes, em caingangue, geralmente indicam uma qualidade ou ser da natureza. Vera é filha do cacique Antônio Mig – tigre ou onça, em caingangue.

Até os filhos dos colonos aprendem rudimentos da língua caingangue. Na sala de aula, cabecinhas brancas e peles morenas convivem em harmonia. Sem a desconfiança que marca a relação de seus pais.



A necessidade: as reservas não garantem o sustento, e os índios dependem das cestas básicas do governo

DISPUTA PELO PODER

Os 3,5 mil caingangues abrigados na reserva da Guarita travaram em 1983 uma sangrenta disputa. De um lado, índios influenciados pelos brancos que arrendavam suas terras. De outro, indígenas instigados por brancos que exploravam de forma clandestina a madeira da reserva. Em apenas um tiroteio, em junho daquele ano, morreram cinco caingangues e outros 14 ficaram feridos. A reserva chegou a ser cindida – com um pedaço passando a se chamar São João de Irapuá –, mas voltou a ser uma só.



A sobrevivência: mulheres caingangues trançam os cestos que serão vendidos para completar o orçamento

FOTOS PAULO FRANKEN/ZH